

SALA DE LEITURA
"GLETE DE ALCANTARA"
EERP - USP

MÃOS SUJAS

Na história da cirurgia, o entreato, em que ela já se emancipara da dor nas intervenções cirúrgicas, não deveria ter-se prolongado por espaço superior a três decênios. Já poucos anos após a descoberta da anestesia, deveriam estar averiguadas e eliminadas as causas do poder sinistro da febre traumática. O homem que viu essas causas e percebeu a fatalidade, o homem que primeiro teve a intuição do caminho para sair do inferno da febre e da morte por infecção, e depois o enxergou com clareza e o apontou desesperadamente aos seus contemporâneos, existia. Mas, à semelhança das idéias de Wells, as suas percepções foram ridicularizadas e escarnecidas. E não houve desta vez um Morton que — fossem quais fossem os motivos e as circunstâncias — as patenteasse a um mundo recalcitrante em admiti-las. Esse homem chamava-se Semmelweis.

Hoje, a biografia de Inácio Filipe Semmelweis é um dos labéus com que cientistas e médicos não raro se ferretaram a si próprios, repudiando aperfeiçoamentos e verdades recém-descobertas. Não me é possível fazer restrições nem trazer atenuantes a este juízo da atualidade, por mais que no segredo do meu coração me fosse grato fazê-lo, pois — como no caso de Horace Wells! — eu me sinto um tanto cúmplice do má sorte de Semmelweis. Pelo menos, cúmplice do apego irracional da autoridade a teses tradicionais, apego que, não raro, a inibe de se curvar às verdades mais simples.

Talvez, a despeito da minha idade juvenil, eu tenha sido uma das primeiras pessoas que, nos Estados Unidos, tomaram conhecimento do nome de Semmelweis. E é bem plausível até que, por um dos singulares caprichos do acaso, que

tantas vezes me influenciaram a vida, eu tenha sido o primeiro a saber da sua existência.

A 9 de agosto de 1848, isto é, poucos meses depois do meu regresso da Escócia à América, em Lehrte, pequeno povoado alemão, na região de Hannover, um homem suicidou-se, atirando-se sob as rodas dum trem em marcha. Os funcionários da estrada, que retiraram dos trilhos o corpo mutilado, identificaram-no como o professor de obstetricia Gustavo Adolfo Michaelis, diretor da Maternidade de Kiel, com quem apenas um ano antes eu travara conhecimento.

No outono de 1847, durante a minha "viagem da anestesia" através da Europa, eu visitara na Universidade de Kiel, onde ele ainda trabalhava, o cirurgião germânico Langenbeck que pouco depois se tornaria famoso e sucessor de Dieffenbach em Berlim. Na mesma ocasião, conheci Michaelis.

Causara-me este a impressão dum homem extraordinariamente entusiasta, consciencioso, mas atormentado por qualquer sofrimento intimo. Michaelis mostrara-me o seu instituto, muito mal instalado mesmo para aquela época, nas vizinhanças das águas turvas do "pequeno Kiel"; e queixara-se de que uma influência maligna pairava sobre o estabelecimento: a febre puerperal era sua hóspeda permanente.

Meses antes, Michaelis vira-se obrigado a fechar o seu hospital semanas a fio, porque as parturientes morriam irremediavelmente, uma após outra, de infecção puerperal. E, mal a maternidade se reabriu, a primeira gestante que lá fora dar à luz morrera em poucos dias, de infecção puerperal. Em cinco meses, Michaelis perdera do mesmo mal treze puéperas. Por ocasião do nosso encontro, ele fitou-me com os olhos azuis, profundamente tristes, e perguntou-me, se noutros países, o estado de coisas era o mesmo; procurava provavelmente um consolo.

Infelizmente, eu não podia responder à sua pergunta. Durante a minha excursão pela Europa, só me preocupara o pretensão "triunfo da anestesia". Na América, eu não me interessava muito por várias coisas, entre elas a obstetricia. E, sobre a infecção puerperal, a minha ciência se limitava ao que lera em tratados de medicina. Noutras palavras, eu sabia se tanto que a febre puerperal é uma espécie de moléstia

2

epidêmica e grassa especialmente nos hospitais, atribuída a várias causas, entre elas "certas perturbações atmosféricas", um miasma do ar das enfermarias", "aglação ou supressão do leite da parturiente, e outras análogas. Em consequência, o que eu podia adiantar a Michaelis era, a bem dizer, nada.

Ele perguntou-me então:

— Conhece Boston?

Respondi afirmativamente.

— Nesse caso, poderia responder-me a outra pergunta?

— Naturalmente; com muito gosto...

— Conhece o Doutor Holmes?

Eu conhecia, de fato, Holmes, como médico prático, escritor e tipo excêntrico da cidade de Boston. Afora isto, meu pai escrevera-me recentemente que, durante a minha ausência, Holmes fora nomeado "Parkman-Professor" de anatomia em Harvard.

Este foi o teor da minha resposta. Nos olhos de Michaelis passou como que um clarão de esperança.

— Alegro-me de saber isso — disse ele, mais animado. — Há muito tempo, soube por um conhecido que o Doutor Holmes escreveu anos atrás... em 1843 se não me engano... um artigo muito original sobre a causa da febre puerperal e a possibilidade de suprimi-la. O artigo tendia para a negativa; mas isto já nem é novidade. Talvez esse escritor pudesse valer-me. Até hoje, empenhei-me inutilmente em obter um exemplar dessa publicação. As minhas possibilidades são muito limitadas. Seria abusar da sua cortesia pedir-lhe...

Eu não conhecia nenhum trabalho literário de Holmes, o que não era de estranhar, dada a minha escassa cultura geral, naquela época; em todo caso, isso não queria dizer que Holmes não houvesse escrito sobre a febre puerperal. Em consequência, prometi a Michaelis que procuraria o artigo e, logo que tivesse a sorte de encontrá-lo, remeteria uma cópia para Kiel.

Regressando a Nova York e dali a Boston, não me custou averiguar que Holmes escrevera de fato o artigo em questão, com o título de "The Contagiousness of Puerperal Fever", "O

Caráter Contagioso da Febre Puerperal". Provi-me dum exemplar e, no verão de 1848, enviei-o a Michaelis, sem me preocupar demais com tomar conhecimento dos pontos de vista do autor. Eu andava então na pista da sorte de Horace Wells. Não estranhei não receber nenhuma resposta, por fim de contas, o caso não passava dum pequeno episódio sem importância. Mas, inesperadamente, a 2 de outubro de 1848, cheguei-me uma carta de Kiel. Surpreendeu-me que fosse escrita com letra feminina. Abri o envelope e, mal comecei a ler, tive um verdadeiro choque.

"A sua amável remessa chegou-nos oportunamente — dizia a carta — e nós lhe agradecemos a cortesia... Infelizmente, o artigo chegou muito tarde, para consolar, ou ajudar, o Professor Michaelis. Como, naturalmente, cedo ou tarde o senhor virá a saber da sorte do Professor Michaelis, eu desejaria contar-lhe, sem omitir nada — como à pessoa a quem ele provavelmente confiou os seus aborrecimentos — o fim do professor. Ele suicidou-se, desalentado pela sua impotência e pela impotência da medicina, perante um surto de febre puerperal. Tenho razões para crer que a pretensa descoberta do jovem médico chamado Inácio Semmelweis, da qual o Professor Michaelis tomou conhecimento numa revista científica de Viena, muito contribuiu para o seu suicídio. O mencionado Doutor Semmelweis, que trabalha numa maternidade Vienense, sustenta — contrariando todos os conhecimentos médicos do nosso tempo — que a infecção puerperal é consequência da transmissão de assim chamados germes infecciosos, pelas mãos dos médicos e dos estudantes que se tenham ocupado com seccionar cadáveres das vítimas do mal, sem lavar convenientemente as mãos. Semmelweis condena todo o sistema científico da nossa medicina e proclama que, para banir a febre puerperal dos hospitais, se faz necessária uma limpeza rigorosa das mãos, com uma solução de ácido clórico. O Professor Michaelis acreditou na tese do doutor Semmelweis. Como ele próprio, de ano a ano, sempre seccionou escrupulosamente os cadáveres saídos do seu hospital e depois examinava as suas parturientes, sem as desinfecções exageradas do Doutor Semmelweis, sentiu-se aniquilado pela enormidade das culpas que atribuía a si mesmo. A sua bela

Teoria
do
CONTAGIO

3

consciência o responsabilizava pela mortandade das suas pacientes. Exacerbou-lhe mais esse estado de ânimo a morte dum parenta que ele muito prezava e que estava sob o seu tratamento, levada como as outras pela febre puerperal. O professor caiu numa depressão cada vez mais grave, em consequência do que, no dia 9 de agosto deste ano, se suicidou em Lehrte, atirando-se debaixo dum trem..."

Durante a leitura, senti-me tomado dum horror inenunciável. Via Michaelis diante dos meus olhos, como o tivera ao meu lado em Kiel. De súbito avultou no centro da sua imagem a expressão dolorida do seu olhar, que então eu notara casualmente. E, de súbito, lembrei-me de que Michaelis me falara do seu hospital como dum foco terrível de mortalidade...

Também me assaltou de improviso a recordação da história que ele me contara na mesma ocasião: a história das raparigas de Kiel que esperavam filhos ilegítimos. Em virtude dum lei dinamarquesa, esse deslize as condenava a trabalhos forçados e ao instituto correcional. Elas iam, portanto à maternidade, permitiam que, durante as dores, as parteiras lhes "arrancassem" o nome dos pais das crianças e atiravam-se aos pés de Michaelis, implorando que as admitisse no hospital, que só assim escapariam à casa de correção. Logo a Michaelis! A Michaelis, convencido de que, no seu instituto elas teriam castigo pior: a morte, após dias terríveis de febre!...

culpa

Tudo isto despertou na minha memória, quando acabei de ler a carta de Kiel. Como já disse, ela me comovera tanto quanto se podia emocionar um rapaz da minha idade. E com isso me julguei desobrigado.

Guardei a carta.

Não agarrei a mão que o destino me estendia. Eu, testemunha da descoberta da anestesia, graças a ela convertido em jovem doutor crente do progresso, não captei a importância da notícia da descoberta de Semmelweis, a descoberta da "infecção pelo contacto" que já então, depois da eliminação da dor, se prestaria para combater a proliferação mortífera

BACTERIOLOGIA

das moléstias traumáticas infecciosas, a febre traumática, a erisipela, o tétano, nas enfermarias cirúrgicas do mundo inteiro.

A minha incompreensão foi tão grave como a dos titulares de cátedras famosas, que por essa época, na Europa, ridicularizavam, condenavam e escarneciam, na mais lúdima acepção destes termos, o jovem Inácio Filipe Semmelweis e arquivaram as comunicações da sua descoberta, exatamente como eu guardei e esqueci a carta vinda de Kiel.

Hoje, isto parece incompreensível; evidência, porém, até a que ponto somos, todos nós, escravos de preconceitos arraigados, ou pelo menos consagrados pelo uso, e como nos custa aceitar qualquer inovação, tanto mais quando a novidade se nos afigura demasiado simples, para resolver problemas complexos.

Hoje, decorrido mais de meio século, não há quem possa contestar a Semmelweis o mérito de haver sido o primeiro a ter a intuição do problema da "infecção pelo contacto" e de ter, pela primeira vez, dominado amplamente essa "infecção de contacto" na prática. Mas a história da sua descoberta assemelha-se a uma epopéia de lances extraordinariamente trágicos.

O médico teuto-húngaro de vinte e oito anos, natural de Ofen, Inácio Filipe Semmelweis que, em fevereiro de 1846, foi nomeado assistente da Primeira Clínica Obstétrica de Viena, até aí nunca se ocupara de obstetrícia. Não tinha a menor idéia de que ia ao encontro do maior encargo da sua vida, que seria ao mesmo tempo a sua tragédia. Procurava apenas um emprego, e aceitara esse lugar de assistente, porque o acaso o oferecia.

No fundo, também se tornara médico, graças a um acaso.

A primeira casualidade levara-o ainda estudante de direito, como espectador, à choupana denominada "Blockhaus", naquela época necrotério do Hospital Geral de Viena. Semmelweis virá lá o jovem professor vienense Karl Rokitansky que se propunha obter a aprovação geral para um novo ramo

da medicina: a anatomia patológica. Anatomia patológica não significava apenas anatomia do corpo humano normal, mas anatomia do corpo enfermo e dos seus órgãos doentes. Ninguém tentara ainda substituir as informações isoladas de autópsias praticadas cá e lá individualmente, por médicos interessados em apurar a causa da morte de pacientes seus, pelo quadro anatómico do organismo doente, baseado em dezenas de milhares de autópsias.

A visita casual de Semmelweis ao mais que modesto local de trabalho de Rokitansky impressionou profundamente o estudante de direito a ponto de induzi-lo, contra a vontade do pai, a abandonar a jurisprudência pela medicina e, em particular, pela anatomia patológica. Naquele tempo, Semmelweis poderia considerar-se um rapaz frívolo, de bom coração, sempre contente, um tanto desajeitado no modo de falar e de escrever e, no fundo, destituído de aptidões para a pesquisa científica. Em 1844, superados os exames de medicina, procurara trabalho como assistente, na clínica do Professor Skoda que, já então, graças à aplicação sistemática do método de percussão e auscultação, elevara a um grau ainda não atingido o diagnóstico das enfermidades. Semmelweis foi preterido a favor doutro médico mais velho. Em consequência disso, depois de longa espera, agarrou-se quase às cegas no lugar de assistente que lhe propunham na Primeira Clínica Obstétrica. Tratava-se, em verdade, duma colocação precária, porque o antecessor de Semmelweis assegurara a si próprio a possibilidade de voltar. Mas uma situação revogável sempre era melhor do que nada.

Semmelweis assumiu o cargo, ainda com a despreocupação dos seus anos de estudante. Meses depois, porém, era muito outro; meses depois, era um homem amadurecido, atormentado por escrúpulos de consciência.

Quando começou a trabalhar, a febre puerperal não era para ele senão um conceito médico, um fenómeno usual, nem sempre evitável, do puerpério — ou, como se lia nos tratados da época, numa parolagem ingénua e prolíxa: "...moléstia zimótica, de curso agudo que, segundo a predisposição do indivíduo, tanto pode ser provocada por nocividades de ordem

geral, como ser consequência de abalos psíquicos e resfriamentos; mas, acima de tudo, de influências epidêmicas e endêmicas que põem em fermentação a massa do sangue..." Mais sucintamente expresso, isto significava que a ciência obstétrica daquele tempo não sabia, acerca da infecção puerperal, mais do que sobre as infecções traumáticas. A ignorância, a aceitação da febre puerperal como fatalidade inevitável, também fora transmitida a Semmelweis pelos seus mestres; e como fato natural ele a encarava — até ao instante em que se defrontou com a enfermidade mortífera.

A secção de obstetria do Hospital Geral de Viena era, nessa década do século, um foco de infecção puerperal. Quando Semmelweis assumiu o posto de assistente nas enfermarias de obstetria, de duzentas e oito puérperas morriam nada menos de trinta e seis. As parturientes internadas no Hospital Geral de Viena eram essencialmente os assim chamados "casos pobres"; muitas vezes, mães "sem a bênção da Igreja". As mulheres, que tinham alguma coisa de seu, davam à luz os filhos em casa. O diretor da clínica, Professor Klein, que cerca de vinte anos antes sucedera ao famoso Professor Johann Boer — então indiscutivelmente o primeiro da Europa na sua profissão — adotava, em relação à febre puerperal, uma atitude indiferente, apática. O próprio Boer o definira: "o mais incapaz dos incapazes". Não poderia, no entanto, obstar a que o favor palaciano elevasse aquele homem sem imaginação a um posto de tanta importância.

Meses depois que Semmelweis começara a exercer as suas funções no hospital, o Professor Klein notou, com a incompreensão mais lerda, que a sorte das mães vitimadas pela infecção puerperal, a desolação dos maridos consternados, o choro dos recém-nascidos órfãos ao virem ao mundo, torturavam a consciência do novo assistente de obstetria. Chamava a atenção o empenho com que ele investigava, com perguntas ociosas, as causas da febre puerperal. Estudava todos os livros disponíveis, importunava o próprio Klein com as suas indagações, com o espírito de inquietação que se irradiava dele e desagradava ao diretor. Semmelweis não se contentava com as motivações científicas existentes. Negava-se

a crer na inevitabilidade do mal; punha em dúvida o seu caráter epidêmico; ousava atacar o sistema científico tradicional que, para Klein, era intangível.

A clínica obstétrica do Hospital Geral de Viena, subdividia-se em duas secções. A primeira divisão, onde trabalhava Semmelweis, servia para a prática obstétrica dos estudantes de medicina. A segunda não era freqüentada por eles. Ali se treinavam as parteiras. Semmelweis verificou que a primeira secção perdia mais de dez por cento das parturientes, de febre puerperal, enquanto a segunda acusava regularmente menos de um por cento de vítimas do mal. As duas divisões eram contíguas. Se a febre puerperal tivesse caráter epidêmico — argumentava o assistente — o número de mortes seria o mesmo, nas duas enfermarias. A diferença de percentagem parecia-lhe inexplicável. A essa argumentação, Klein respondia, encolhendo simplesmente os ombros.

Semmelweis, o despreocupado Semmelweis, que até aí não se defrontara com problemas sérios, sentiu-se impellido pelo seu coração compassivo a sondar o inexplicável. Autopsiava continuamente, no necrotério, em companhia dos estudantes, os cadáveres das vítimas da febre puerperal. Deparava-se-lhe invariavelmente o mesmo quadro. Supurações e inflamações em quase todas as partes do corpo; não só no útero, como no fígado, no baço, estendendo-se às glândulas linfáticas, ao peritônio, aos rins, às membranas do cérebro. O quadro dos fenômenos assemelhava-se singularmente ao das febres purulentas e das infecções traumáticas. No momento, porém, essa afinidade escapou à percepção de Semmelweis, empenhado exclusivamente — com a imagem de Rokitsky diante dos olhos — em desvendar o mistério do mal que ceifava as parturientes.

Terminadas as autópsias, ia com os estudantes às enfermarias de mulheres. Examinava escrupulosamente as gestantes próximas do parto, as que estavam de parto e as que já tinham dado à luz. Ensinava aos estudantes — que ainda traziam nas mãos o cheiro enjoativo dos cadáveres — os métodos de exame então em uso. Movido pela ânsia torturante de saber, intensificava os exames mais do que se costumava naquele tempo.

Apesar de tudo, o resultado do seu zelo não consistia em melhores conhecimentos da natureza do mal; resumia-se, pelo contrário, numa súbita majoração do número de enfermas e moribundas — e isso, em verdade, só na primeira secção, aliás, já preferida pela morte. O obituário dessa enfermaria era o terror das mulheres que não tinham um lar próprio, onde pudessem dar à luz e passar a semana seguinte no parto. E elas resistiam desesperadamente a que as alojassem na secção da morte.

As duas divisões recebiam as pacientes de acordo com um esquema de tempo rigoroso: aos domingos, a primeira; às segundas-feiras, a segunda; às terças, novamente a primeira; e assim por diante. As gestantes chegavam a dar à luz na rua, por terem esperado demais a segunda, ou a quarta, ou a sexta-feira que lhes abria as portas da segunda divisão. As que eram levadas contra a vontade, em pleno trabalho de parto, à primeira secção, relutavam, lançavam-se aos pés de Semmelweis, suplicavam lhes concedesse mais um dia, para ficarem na segunda divisão. Podia um ser pensante admitir seriamente que as influências "atmosféricas cósmico-telúricas" — que, segundo a explicação científica, provocavam a febre puerperal — agissem só aos domingos, terças, quintas e sábado, isto é, nos dias de admissão à primeira enfermaria?

Sob a impressão de tais fatos, Semmelweis mudava cada vez mais. Esquivava-se das pessoas com quem passara os seus anos alegres de estudante. Discutia consigo, enquanto trabalhava. Mais e mais desesperado, discutia noites inteiras com o companheiro de quarto, o médico Markusowsky. Discutia com Kolletschka, o professor de medicina legal, que autopsiava todas as manhãs ao lado dele, na sala anatômica. Semmelweis parecia sempre esfalfado; os seus olhos perdiam o brilho antigo.

Em 1846, a mortalidade na sua secção atingiu a quota de 11,4 por cento. Na segunda divisão, permanecia inferior a 0,9 por cento. Semmelweis estabelecia confrontos sobre confrontos: nas duas salas, as mulheres provinham das mesmas camadas da população; as condições ambientes eram as mes-

mas — piores talvez na segunda enfermaria, por estar ela constantemente superlotada; os métodos obstétricos também eram idênticos.

Semmelweis determinou que as pacientes de parto se deitassem de lado porque assim se fazia na segunda secção. Essa medida não diminuiu absolutamente o quociente da mortalidade. Semmelweis praticava os exames com a máxima delicadeza, por lhe terem sugerido que as mãos femininas das parteiras da segunda divisão eram mais finas do que as mãos masculinas dos estudantes da primeira. Como todos os compêndios mencionavam o medo, como uma das causas da febre puerperal, e o padre atravessava continuamente as cinco salas da secção, para administrar o Viático às moribundas, Semmelweis rogou ao sacerdote que, nessa passagem, se abstivesse de tocar a sineta. Nem por isso deixou de morrer sequer uma paciente. Semmelweis verificou que, nos casos de partos mais demorados do que o normal, a parturientes, quase sem exceção, não escapavam à febre puerperal. Semmelweis torturava o cérebro, procurando uma explicação para aquilo. Inutilmente!

Quinze anos depois, escreveu: "Tudo era inexplicável, tudo era incerto; só o número elevado de óbitos era uma realidade incontestável".

Na primavera de 1847, Semmelweis chegara a tal estado de angústia e de aversão ao convívio com os seus semelhantes, que o Professor Kolletschka, receando uma desgraça, obrigou o amigo a tomar algumas semanas de férias, para distrair as idéias e sair daquele ambiente admonitor de moribundas e de mortas, onde o pior era o isolamento, a incompreensão de Klein, a inércia da maioria dos discípulos, a insensibilidade comodista das enfermeiras.

Embora a muito custo, Kolletschka persuadiu o colega a ausentar-se. A 2 de março de 1847, Semmelweis partiu para passar três semanas em Veneza. Nem ele nem Kolletschka, o amigo, desconfiavam de que essa excursão era a última pausa do destino, na estrada da vida de Semmelweis, antes da decisão definitiva.

Semmelweis regressou de Veneza, ao termo de três semanas, sem ter propriamente gozado um pouco de paz; embrenhara-se demais no labirinto da dúvida e da busca afanosa da verdade. Chegou a Viena, na tarde de 20 de março. Ao alvorecer do dia seguinte, já estava no necrotério. De ordinário, Kolletschka trabalhava ao lado dele. Semmelweis estranhou ver-lhe o lugar vazio. Esperou o amigo. Mas esperou em vão.

Entrou afinal o servente da sala de anatomia. Semmelweis perguntou-lhe pelo colega.

O velho olhou-o, assarapantado, sem compreender; e disse: — Então o senhor doutor não sabe nada?

— Que hei de saber? — redarguiu Semmelweis, assaltado por súbita angústia.

— O Senhor Professor Kolletschka morreu — articulou o criado.

A princípio, Semmelweis não entendeu. Fez o velho repetir a resposta. Depois, largando o escarpelo na mesa, correu à procura de Rokitansky. Soube então toda a verdade. Ao fazer uma autópsia, um estudante desastrado ferira Kolletschka no braço com o bisturi. Um talho insignificante, com que o professor nem se preocupara. Ao anoitecer do dia seguinte, estava com febre e tremores de frio. Morreu delirando, dias depois. Semmelweis fez questão de tomar conhecimento do protocolo da autópsia do corpo do amigo.

Mal lhe deitou os olhos, teve a impressão de que o solo lhe fugia debaixo dos pés. Atestava o documento: "Supuração e inflamação das glândulas linfáticas, das veias, da pleura, do peritônio, do pericárdio, da membrana cerebral..."

Semmelweis julgou estar lendo, não o protocolo do exame cadavérico do amigo morto, e sim um das muitas centenas, que ele mesmo redigira, seccionando vítimas da febre puerperal. O texto do protocolo de Kolletschka coincidia amplamente com o dos protocolos das suas pacientes.

"Ainda entusiasmado pelos tesouros artísticos de Veneza, mas alvoroçado pela notícia da morte de Kolletschka — es-

creveu Semmelweis mais tarde — senti que me penetrava no espírito, com clareza incontrastável, a identidade do mal que matara Kolletschka com a febre de que eu vira morrer tantas centenas de puérperas..."

Nesse instante, Semmelweis presentiu que vivia uma dessas "horas de inspiração", em que se faz subitamente a luz, nas trevas dum dos mistérios grandiosos da natureza. Mas ainda ignorava que esse instante decidia da sua sorte.

Se os dados das autópsias eram idênticos — perguntava a si mesmo — não seriam as mesmas também as causas da morte de Kolletschka e da morte das doentes de febre puerperal? Kolletschka morrera dum lesão na qual o bisturi introduzira germes da decomposição da matéria cadavérica. Ele, Semmelweis, e os seus discípulos não traziam com as suas mãos os mesmos germes ao regaço das parturientes, rasgado pelo parto, quando vinham da faina do necrotério às salas da enfermaria, para o exame das puérperas?

Semmelweis pôs-se a remoer, dia e noite, essa pergunta. E uma hipótese tremenda, dolorosa, juntou-se-lhe no cérebro às outras do seu tumulto mental: se a sua tese fosse fundada, estariam subitamente explicadas as diferenças das quotas da mortalidade das duas secções. Na segunda secção, não trabalhavam médicos nem estudantes; ali só havia parteiras que não seccionavam cadáveres, antes de examinar as parturientes.

E, como por magia, insinuou-se em Semmelweis a certeza de que o número de óbitos de febre puerperal aumentara tanto, porque ele — na esperança vã de descobrir anatomicamente o segredo da febre puerperal — passara tantas horas na sala de anatomia. Revelou-se-lhe, num vislumbre, a razão por que as gestantes de parto demorado adoeciam mais facilmente do que as outras: aquelas sujeitavam-se a mais exames do que estas; o colo do útero era, nelas, mais sensível à virulência da putrefação.

O abalo sofrido por Semmelweis foi tão violento, que ele recebeu perder a razão. Chegou a pensar no suicídio. O remorso de ser o causador da morte dum número incalculável de mulheres tirava-lhe o sono. Perseguiu-o pelo resto da vi-

da. Muitos anos depois, ele ainda escreveu: "Só Deus sabe a conta das que, por minha causa, desceram prematuramente à sepultura".

O cheiro adocicado de cadáver, nas suas mãos e nas dos seus discípulos — até aí, atributo soberbo de anatomistas hábeis e ativos — tornou-se para ele símbolo de assassinio. Mas Inácio Semmelweis conseguiu escapar à loucura. Em maio de 1847, travou a luta contra a morte.

No dia 15 desse mês, sob a sua responsabilidade, sem sequer consultar Klein, mandou afixar à porta da clínica esta determinação:

"A partir de hoje, 15 de maio de 1847, todo estudante, ou médico, proveniente da sala de anatomia, é obrigado, antes de entrar nas salas da clínica obstétrica, a lavar as mãos com uma solução de ácido clórico, na bacia colocada na entrada. Esta disposição vigorará para todos. Sem exceção. I. F. Semmelweis".

Semmelweis nada sabia então das bactérias, como geradoras de bacilos propagadores não só da febre puerperal, mas de toda infecção traumática, purulenta, ou cirúrgico-purulenta. Bons trinta anos o separavam ainda da descoberta dos micróbios. Ele desvendara, porém, o segredo da transmissão dos germes infecciosos, por meio das mãos e dos instrumentos dos médicos e cirurgiões, revelação que seria três decênios depois a pedra angular da assepsia. A 15 de maio, iniciava-se, pois, a luta fatídica da sua vida.

Sabão, escovas para unhas, ácido clórico tiveram entrada na sua secção. Embora contra a vontade, o Professor Klein deixava-o agir. Alguns estudantes esclarecidos obedeciam espontaneamente. A maioria dos outros achava tão incômodo o "lava-mãos absurdo", que Semmelweis teve de vigiar pessoalmente, para obrigá-los a conformar-se com a sua disposição. E sempre descobria alguns transgressores. O estado crônico de excitação em que o mantinham a sua descoberta e os escrúpulos de consciência suscitados por ela tornara-o sujeito a acessos de cólera. O homem, outrora alegre e bom, convertera-se num tirano.

Em maio de 1847, em trezentas pacientes as mortes ainda se elevaram a mais do que a décima parte, ou 12,31 por cento.

Nos meses seguintes, porém, registraram-se apenas 56 óbitos em 1841 partos — ou 3,04 por cento.

Essa percentagem ainda excedia, em verdade, a de cerca de 1 por cento de casos fatais da segunda secção. Mas quando se tivera, noutro tempo, quociente tão diminuto de mortalidade? Nunca!

Semmelweis já se julgava próximo da vitória definitiva. Mas raiou o dia 2 de outubro de 1847, data em que ele teve de afrontar a batalha mais terrível que se lhe poderia deparar.

Entrando nessa manhã numa sala onde se alojavam doze parturientes, encontrou-as todas atacadas de febre puerperal, a despeito de toda a desinfecção, de toda a vigilância, da certeza absoluta de que ninguém viera da sala de anatomia à enfermaria das puerperas, sem lavar as mãos.

Mas, ao chegar ao leito da duodécima enferma, Semmelweis já se refizera da decepção arrasadora, a ponto de poder encarar o seu séquito de estudantes que mal dissimulavam o seu triunfo, à vista da "prova decisiva do absurdo do fanatismo pelo asseio". No espaço de poucos dias, morreram nada menos de nove das doze mulheres.

Semmelweis não fraquejou. Martirizava o cérebro, ficava mais e mais despótico e severo. Mas achou a solução.

No primeiro leito da sala, onde o mal não poupava ninguém, a paciente sofria dum carcinoma pútrido do útero. Semmelweis e os discípulos lavavam as mãos, antes de entrar na enfermaria; depois, um após outro, examinavam a cancerosa, passando em seguida às outras doentes, sem lhes ocorrer, entre um e outro exame, a conveniência de nova desinfecção.

Semmelweis fez, nesse dia, a segunda descoberta da sua vida.

Nem só os mortos transmitiam aos vivos os germes infecciosos. Também os podiam propagar os vivos enfermos, portadores de processos pútridos e purulentos, comunicando-os aos indivíduos sãos.

Semmelweis inaugurou uma nova fase da sua luta, determinando a mais rigorosa desinfecção das mãos, depois de

cada exame. Superintendia a esterilização dos instrumentos que, até aí — no seu hospital, como em todo o mundo — se limpavam às abas da sobrecasaca. E removeu para salas do isolamento as parturientes portadoras de processos inflamatórios.

As novas medidas, mais e mais severas, valeram-lhe uma onda de resistência, franca ou dissimulada. Estudantes e enfermeiras — estas naquele tempo, autênticas flores do lodacal da imundície — queixaram-se ao Diretor Klein; e este, já farto do fanático desmancha-prazeres, resolveu alijar, quando antes, do cargo de assistente, o inovador importuno.

Semmelweis não prestava atenção aos sinais de perigo. Enlevava-se nos resultados que lhe assinalaram o ano de 1848. Nesse ano, de 3.556 parturientes morreram apenas 45. Pela primeira vez, o quociente da mortalidade da primeira secção descera a 1,33 por cento; apenas pouco mais do que o da segunda. Onde, em nome de Cristo, se poderia encontrar prova mais luminosa do acerto das suas teorias e da sua ação?

Em fins de 1847, Semmelweis comunicara pela primeira vez os seus êxitos aos seus mestres; antes de tudo a Skoda; mas também a Hebra, o criador vienense da clínica de moléstias da pele. Ambos exigiram um relatório escrito das suas realizações. Ele, porém, retomado de repente pelo sentimento da dificuldade de falar e de escrever, que já o caracterizara quando estudante, não se atreveu a redigir a comunicação. A vista disso, Hebra resolveu ocupar-se pessoalmente das experiências de Semmelweis; e sobre elas escreveu, no número de dezembro de 1847 da revista da Associação dos Médicos de Viena. Em abril de 1848, publicou novo artigo sobre esse assunto. Foi, sem dúvida, uma dessas publicações a que chegou às mãos de Gustavo Adolfo Michaelis, em Kiel, e lhe determinou a sorte.

De resto, nenhuma delas suscitou outro eco. As afirmações de Semmelweis eram novidade tão sensacional para a mentalidade estagnada dos médicos e dos parteiros da Europa, que particularmente os mais esclarecidos e os mais famosos recalcitavam em aceitá-las; e reagiam com silêncio absoluto e absoluto pouco caso. ¶

Em princípios de 1849, o médico primaz Haller da Associação dos Médicos de Viena, tomou o partido de Semmelweis, declarando pela primeira vez que a descoberta do assistente de obstetrícia do Hospital Geral de Viena, era importante e não só como medida preventiva contra a febre puerperal: "A significação desta descoberta, mormente para os estabelecimentos hospitalares e, em particular, para as salas cirúrgicas, é tão incomensurável, que a torna digna da máxima atenção de todos os homens de ciência..."

Ainda assim, nenhum dos cirurgiões, em cujas enfermarias morriam, das diferentes formas de febres e infecções traumáticas, milhares de pacientes — reagiu a esse apelo.

Skoda convidou o corpo docente da Universidade de Viena a nomear uma comissão com a incumbência de submeter a descoberta de Inácio Semmelweis a um teste decisivo. O corpo docente aceitou a sugestão.

Mas, assim que se inteirou disso, o Professor Klein, espírito tacanho, desconfiou de que o assistente ridicularizado estivesse na iminência de conseguir uma vitória inexplicável; e, para a conjurar, o diretor desenvolveu uma ação incrivelmente traiçoeira e baixa.

Por ocasião das lutas revolucionárias irrompidas em Viena, no ano de 1848, contra o governo constituído, Semmelweis, natural da Hungria, simpatizara com os revolucionários. Klein denunciou-o por essa atitude; e o ministério proibiu a realização do teste das teorias de Semmelweis sobre a origem da febre puerperal! Ao mesmo tempo, Klein obteve que o contrato bienal do assistente Semmelweis não fosse prorrogado. Vendo-se despedido da clínica, Semmelweis tentou demonstrar em cobaias que o colo uterino pode ser a porta de entrada para uma infecção generalizada do organismo. E Klein negou-lhe até a utilização das fichas das doentes da secção do ex-assistente, dados de que este necessitava urgentemente para investigações estatísticas.

Incitado novamente por Skoda e Hebra, Semmelweis decidiu-se afinal a combater as suas inibições e a reivindicar, perante a Associação dos Médicos, o direito de promover um exame imparcial do seu trabalho. E submeteu-se ao teste, no

dia 15 de maio, sem jeito, sem habilidade, nervoso, exasperado, transbordando de revolta contra a cegueira com que se chocava em toda parte. Mas a sua exposição foi tão objetiva e convincente, que se lhe seguiu outra prova, a 18 de junho e, em 15 de julho, um debate cujas conclusões foram pela primeira vez, favoráveis a Semmelweis.

Aí, porém, o assaltou de novo o temor pânico da pena; ele recusou transcrever a sua exposição verbal. E só vieram a público informações eivadas de lacunas, redigidas por leigos.

Frustrada a primeira tentativa de se tornar conhecido mediante a palavra e os escritos, Semmelweis não se deixou induzir a outra. Convencera-se de que só poderia impor-se agindo. Subvencionado por Skoda, procurou uma colocação como professor. Encontrou-a ao termo de oito meses de espera, isto é, de tempo perdido. Já a tinha aceito com grande satisfação, quando percebeu as peias que lhe estorvariam a atividade: era-lhe vedado ensinar, fazendo as demonstrações em mulheres vivas; tinha de ilustrar as preleções numa boneca desmontável.

Opresso por uma onda mais esmagadora de decepção e azedume, já sem paciência para suportar, Semmelweis deixou Viena, da noite para o dia, sem se despedir sequer dos amigos que sempre lhe haviam prestado solidariedade.

Budapest, a sua cidade natal o acolheu e, fora dali, um silêncio de vários anos fez crer que ele houvesse desaparecido.

A má sorte continuava a persegui-lo. Semmelweis tentou ganhar a subsistência para si e os seus, com a sua profissão de médico e parteiro. Mas uma queda do cavalo e um acidente no telheiro de natação o inibiram semanas a fio de exercer a sua atividade. Semmelweis encheu-se, nessa circunstância, duma grande resignação fortalecida, aliás, pelas condições do ambiente médico e científico da Hungria. Desde a Revolução Húngara, no ano de 1848, os professores mais ilustres haviam sido afastados dos seus cargos. Outros tinham procurado salvar-se no exterior. A publicação da principal revista médica da Hungria: "Orvisi tar", fora suspensa.

Os meses escoavam-se, um após outro. Em Viena, já não se mencionava o nome de Semmelweis. O novo assistente pronunciara-se, em termos inequívocos sobre o ridículo das tentativas do seu antecessor. Aproximava-se a primavera de 1851. Um acaso levou Semmelweis à secção de obstetria do Hospital São Roque de Budapest. Das seis gestantes que haviam dado à luz, no velho e decaído palácio medieval, uma morrera, outra agonizava e as quatro restantes encontravam-se em estado grave, tódas de febre puerperal. O médico de serviço era o primeiro cirurgião da casa, que — sem a menor noção de higiene das mãos, dos instrumentos e das roupas — andava de cá para lá, entre as incisões supuradas dos operados da sua secção cirúrgica e as puerperas da maternidade.

Contagios - contatos

A hora daquela visita foi, para o homem que já ia submergindo numa resignação sem aspirações, como que o despertar da paixão antiga, da sua responsabilidade perante essas mães ceifadas pelo mal, da sua noção do dever de combater a morte de cujo segredo ele se julgava senhor. E Semmelweis voltou a ser Semmelweis, o entusiasta, o homem de ação.

Como a secção de obstetria não tinha diretor, afigurou-se-lhe que deveria candidatar-se a esse posto. Era, em verdade, um requerimento sem esperança.

Contra toda expectativa, porém, a 20 de maio de 1851, Semmelweis viu-se nomeado diretor honorário — sem honorários.

A maternidade ocupava um prédio antigo e insalubre. Constava de cinco salas das quais só três tinham uma janelinha. No pavimento inferior, instalara-se um laboratório químico, cujas exalações deletérias se evoluavam no ar, diante das janelas da secção das puerperas. O mau cheiro infestava as salas onde, no verão o calor era insuportável. As enfermeiras não tinham a menor noção de higiene.

Semmelweis recomeçou do princípio, longe de Viena, longe do mundo científico da época, do clã dos luminares. Teve de combater novamente a inércia dos estudantes. Mais uma vez, impediu o caminho entre as salas de anatomia e a sec-

ção de obstetria. Mais uma vez, ^{contato} ^{contato} ^{contato} cumpriu-lhe exercer vigilância para que se lavassem as mãos. E, mais uma vez, co-lheu má vontade, ódio, escárnio.

Mas, em seis anos de trabalho afanoso, conseguiu que, de 933 parturientes, morressem apenas oito, o que significava menos de 1 por cento.

Ainda dessa vez, os reveses o levaram a novas descobertas. Um surto completamente inesperado da moléstia mostrou-lhe que, mal lavada, a roupa de cama podia propagar ger-mes de infecção. Semmelweis convenceu-se disso encontra-do, nos leitos preparados para novas pacientes admitidas, re-síduos das secreções purulentas das que ali tinham morrido. Empreendeu então luta ferrenha, com a administração do hos-pital, em prol da higienização da rouparia. Venceu, levando com indignação os lençóis sujos ao gabinete do diretor admi-nistrativo e estendendo-lhe na mesa panos mal cheirosos.

A 18 de julho de 1855, Semmelweis foi nomeado profes-sor de obstetria. Mas essa distinção era-lhe outorgada por uma universidade fora de mão, sem cotação apreciável no grande mundo científico. Todavia, foi ela talvez que acordou nele a antiga aspiração de vencer os cépticos, a salvar as dezenas de milhares de criaturas humanas que morriam anualmente no mundo. Não queria nada para si. Quando a Universidade de Zurich (um de cujos lentes, o Professor Rose era, na Europa, o único cirurgião que experimentava na sua clínica cirúrgica as teorias de Semmelweis, antecipando-se as-sim à assepsia dos decênios seguintes) lhe ofereceu em 1857 a cátedra de obstetria, Semmelweis declinou a oferta.

Dir-se-ia que receava o contacto pessoal com o mundo, fora da sua cidade natal.

Só em 1860, o desejo de divulgar os conhecimentos ad-quiridos se tornou tão intenso que, pela primeira vez na vi-da, Semmelweis tomou de *motu próprio* a pena. Secundado pelo seu ex-companheiro de quarto Markusowsky, que assis-tiu em Viena às suas primeiras descobertas, Semmelweis es-creveu "Etiologia, Conceito e Profilaxia da Febre Puerperal".

Era apenas um opúsculo mal escrito, inçado de repetições. E, apesar disto, um dos livros mais empolgantes que já se deveram à pena dum médico. Um livro de verdade comezi-

nha, contraposto ao erro que dominava o mundo. Um livro profético, um livro que aparecia numa época em que Semmel-weis lutava pela sua descoberta, não já exclusivamente em relação à febre puerperal, mas tendo em vista a fabre tra-u-mática dos operados, tão semelhante àquela que assolava as salas de operações, as enfermarias cirúrgicas. Não havia muito, Semmelweis persuadira o catedrático de cirurgia de Budapest a fazer a tentativa de reduzir os casos de infecção traumática entre os pacientes operados, protegendo as inci-sões cirúrgicas de todo contacto com instrumentos e mãos que não se houvessem submetido a uma limpeza rigorosa. Mas haveria quem se dispusesse a ler o livrinho de Semmelweis, com isenção de ânimo, e a lhe adotar as teorias? Mais uma vez Inácio Filipe Semmelweis teria de amargar uma desilu-são imensa.

Durante o Trigésimo Sexto Congresso de Médicos e Natu-ralistas Alemães, reunido em Speyer no ano de 1861, só o Pro-fessor Lange de Heidelberg se manifestou a favor de Semmel-weis, atentando que lhe adotara os métodos e, em trezentos partos, não tivera a registrar um só caso de morte por febre puerperal. Mas essa voz era uma voz clamando no deserto. Em tempo algum, a soberba, a parcialidade, a intransigência dos "deuses consagrados da medicina" se mostraram tão hos-tis aos progressos da sua ciência.

Virchow, o fundador da patologia celular, que não pen-sava senão na importância da célula, condenou as teorias de Semmelweis, por não serem elas conciliáveis com as suas, se-gundo as quais toda enfermidade se origina automaticamente nas células do corpo humano. Mas, como não raro acontece, a palavra de Virchow era, para os seus sequazes, a palavra dum deus.

Não; não havia quem estivesse disposto a dar ouvido a Inácio Filipe Semmelweis. Ignoro que esperanças ele funda-ra no seu livro. Também não sei se, já então, ele sofrera o primeiro ataque do mal terrível, gerado pelas aflições da sua vida e que, em breve, o envolveria na sua sombra si-nistra.

Ao ter conhecimento do pouco apreço dispensado no seu livro, Semmelweis deixou escapar uma exclamação literária:

não havia esperança para ele nem para as suas teorias; nem ressuscitariam os mortos que continuariam a morrer, em consequência da inépcia e da miopia dos homens. Mas esse grito entrou na História como testemunho dum homem que se revoltava, com toda a energia da sua consciência, contra a morte absurda. Esse desabafo manifestou-se, sob forma de Carta Aberta, endereçada aos Professores Scanzoni, Siebold e Späth — cada qual deles, um luminar da obstetria européia contemporânea.

"A sua doutrina, Senhor Conselheiro Áulico — escrevia Semmelweis a Scanzoni — assenta nos cadáveres das puerperas assassinadas pela ignorância... Se a minha teoria se lhe afigura falsa, convido-o a expor-me as razões em que funda a sua opinião... Se Vossa Senhoria, Senhor Conselheiro Áulico, persistir em amestrar os seus discípulos e discípulas na doutrina da febre puerperal epidêmica, eu — diante de Deus e do mundo — o declararei assassino..."

E dirigiu-se a Siebold nestes termos:

"Ligam-me à sua pessoa, Senhor Conselheiro Áulico, recordações agradáveis; mas os lamentos das gestantes, que morrem de parto, abafa a voz do meu coração... Sou de parecer que a febre puerperal é consequência duma infecção e, no ano de 1848, passaram da minha enfermaria ao necrotério quarenta e cinco puerperas. Em 1854, isto é, seis anos depois, Gustavo Braun e o seus discípulos inscientes, opinando que a febre puerperal é de origem epidêmica, enviaram ao necrotério quatrocentas parturientes... Se me coubesse optar exclusivamente entre permitir que continuem a morrer de febre puerperal numerosas puerperas, que poderiam ser salvas, e salvá-las, mediante a demissão de todos os professores de obstetria que não querem... ou já não podem adotar a minha teoria... eu optaria pela demissão dos professores, pois estou convencido de que se trata de evitar a mortandade de milhares e milhares de mães e de lactantes; e, diante disto, algumas dezenas de professores carecem de importância... Não ser da minha opinião equivale a ser assassino..."

Tal como o outro mencionado acima, estes brados de Budapest não tiveram eco. Serviram apenas de pretexto para

executar Inácio Semmelweis como individuo que, "pelo seu descomedimento" se excluía por si mesmo da classe médica; e até como homem de juízo não de todo sãõ.

Os que o tinham na conta de doido, mal sabiam que se antecipavam ao que sucederia nos anos seguintes. E, se o pudessem prever, de modo algum reconheceriam que eles próprios, com a sua hostilidade cega, tudo haviam feito para acelerar o curso da paralisia que evoluía em Semmelweis.

* No ano de 1864, manifestaram-se os primeiros sintomas inequívocos. Acometido de acessos de choro convulso, Semmelweis teve de interromper as lições, nas quais ressoava constantemente o tema das suas angustiosas Cartas Abertas. Encerrado no quarto, ele andava dum lado a outro, horas a fio, como um animal enjaulado. Atravessava-se, em plena rua, na passagem de casais de namorados e exortava-os a que exigissem de médicos e parteiras a desinfecção das mãos, quando os consultassem para futuros partos. A menor contradição, Semmelweis enfurecia-se. No mês de julho de 1865, em presença do Colégio de Professores de Budapest, puxou do bolso uma folha de papel e leu o texto dum juramento, pelo qual as parteiras deveriam obrigar-se a esterilizar as mãos e os instrumentos. Na mesma noite, arrancou do berço a filha caçula e estreitou-a nos braços, manifestando o receio de que lhe raptassem a criança, para a matar.

Na manhã seguinte, a esposa desolada escreveu a Hebra, o amigo e ex-professor vienense do marido, pedindo-lhe conselho. A 20 de julho, sob o pretexto de que, ao termo de tantos anos, Hebra queria vê-lo, a senhora Semmelweis conseguiu levar o enfermo a Viena.

Hebra acompanhou pessoalmente o ex-discipulo — que não o reconhecera — ao asilo de alienados. Passaram os dois algum tempo, no jardim. Só ao ser conduzido à cela, Semmelweis compreendeu, num instante de lucidez, o que lhe sucedia. Os enfermeiros tiveram de subjugá-lo e de lhe impor a camisa de força.

Pois bem: o destino que tanto o maltratara, reservava-lhe pelo menos uma morte misericordiosa: Semmelweis morreu da morte que levava o seu camarada Kolletschka, à morte da

qual, na hora da sua agonia, expiravam inúmeras parturientes e vitimas incontáveis de operações cirúrgicas sépticas; e outras muitas continuariam a morrer por muito tempo.

* Numa das suas últimas autópsias em Budapest, Semmelweis ferira levemente um dedo. Por essa lesão insignificante entrara o mal a cuja extinção ele sacrificara a melhor parte da vida: sepsia generalizada.

No dia 14 de agosto de 1865, contando apenas quarenta e sete anos, Semmelweis morreu, delirando de febre. O exame cadavérico, porém, revelou — simultaneamente com os sintomas anatómicos da paralisia — o mesmo quadro que ele tivera tantas vezes ante os olhos: inflamações e supurações em toda parte.

O primeiro homem que desvendou o segredo da sepsia e da assepsia — as bases em que se havia de erigir o futuro da cirurgia — morreu de sepsia.

DESCOBRE-SE O ASSASSINO

...A maior tragédia de Inácio Filipe Semmelweis consistiu certamente em já estar agindo em Londres, no ano da sua morte, o homem que havia de dar à solução do problema da infecção e das doenças traumáticas o impulso decisivo, conquistando assim fama e honras ilimitadas. O nome desse homem, por assim dizer desconhecido fora de Edimburgo e Glasgow, era Joseph Lister, professor de cirurgia da Universidade de Glasgow.

Em principios de 1866, quando ouvi pela primeira vez esse nome, eu acabava de viver quatro anos indescritíveis, servindo como cirurgião, na Guerra Civil americana. A minha séde de aventuras e de experiência levava-me, nos caóticos primeiros meses da luta, ao lazareto do exército do Potomac, propriamente com a intenção de passar ali algumas semanas, vendo, observando, e continuar depois a minha vida de viagens, de sensações perenemente novas. A miséria espantosa dos feridos — talvez também a influência do Dr. Lettermann, de Washington — fizeram das poucas semanas quatro anos. Em junho de 1866, eu vivia, já licenciado, em Washington. Visitava alguns lazaretos, mas preparava-me a deixar definitivamente o serviço, para rever a Europa, ao termo de tantos anos. Justamente nessa ocasião, recebi de Edimburgo uma carta de James Syme, que já devia ter então os seus sessenta anos.

Era a resposta atrasada à que eu lhe endereçara, durante uma epidemia de febre traumática num hospital de sangue na Virginia. A minha carta a Syme, o antigo conselheiro paternal da minha primeira visita a Edimburgo, fora um desabafo da minha impotência desesperada, e acusadora entre centenas de moribundos, na época em que certas partes do próprio hospital de Washington ainda cheiravam muito a pus.